

A desinformação na sociedade moçambicana: caminhos para a mudança de paradigma

Disinformation in Mozambican society: ways to change the paradigm

Desinformación en la sociedad mozambiqueña: caminos hacia un cambio de paradigma

Bruno Miguel Ferreira Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

bruno.goncalves@ipb.pt

<https://orcid.org/0000-0002-7541-3673>

Sozinho da Sikera Lemos Manjor

Universidade Católica de Moçambique, Moçambique

zinho.manjor@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-3332-0704>

Submetido em: 23 de maio de 2024.

Aceito em: 21 de junho de 2025.

Publicado em: 17 de setembro de 2025.

Licença:



Como citar este artigo:

GONÇALVES, Bruno Miguel Ferreira; MANJOR, Sozinho da Sikeira Lemos. A desinformação na sociedade moçambicana: caminhos para a mudança de paradigma. **REBECIN**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-25. 2025. DOI: <http://doi.org/10.24208/rebecin.v12.414>

RESUMO

O surgimento e o desenvolvimento das tecnologias digitais, sobretudo o telemóvel e a internet tem revolucionado as redes de comunicação que influenciam os paradigmas sociais actuais. A fraca literacia por um número elevado da população, a miséria, o contexto político caracterizado por manipulação de consciências para o seu domínio e sobrevivência e a consolidação dos boatos junto das comunidades são alicerces para a propagação de desinformação na sociedade moçambicana, que tem criado medo, pânico, violência e até mortes nas comunidades. Vivemos tempos de desinformação. Todos os dias somos inundados de desinformação, muitas vezes com aparência de verdadeira. A desinformação apesar de não ser um fenómeno novo, o desenvolvimento acelerado hoje das tecnologias digitais e sobretudo o surgimento das redes sociais, promovem a difusão rápida de desinformação e torna-se difícil distinguir a verdade da mentira. O desafio é como distinguir as informações falsas das verdadeiras. Assim, perante este contexto complexo onde a desinformação se propaga a alta velocidade, foi formulada a seguinte questão de investigação: quais os caminhos para minimizar o impacto violento da desinformação dentro da sociedade moçambicana? Em resposta à questão formulada e aos objectivos definidos foi usada como metodologia a revisão bibliográfica, privilegiando as obras mais recentes, baseando-se numa abordagem qualitativa e exploratória. Os resultados da pesquisa indicam que o analfabetismo, a pobreza, os mitos e boatos criam um ambiente favorável para a disseminação de informações falsas que promovem o medo, violência e até luto dentro das comunidades. Por conseguinte, a revisão da literatura mostrou que a educação de qualidade das pessoas, a vigilância constante, a filtragem e o cruzamento da informação que se recebe podem contribuir para a prevenção da desinformação e minimizar os seus impactos negativos.

Palavras-Chave: Desinformação. Educação. Mudança de paradigma. Moçambique. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

The emergence and development of digital technologies, especially cell phones and the internet, have revolutionized the communication networks that influence current social paradigms. Poor literacy among a large number of the population, poverty, a political context characterized by the

manipulation of consciences to dominate and survive, and the consolidation of rumors among communities are the foundations for the spread of disinformation in Mozambican society, which has created fear, panic, violence, and even deaths in communities. We live in times of information. Every day, we are inundated with information, often appearing to be true. The challenge is to distinguish between false and true information. So, given this complex context in which disinformation spreads at high speed, the study question arose: which the ways to minimize the violent impact of disinformation within Mozambican society? To answer the question posed, a literature review was carried out, giving priority to the most recent works, based on qualitative and exploratory research. The results of the research indicate that illiteracy, poverty, myths, and rumors create a favorable environment for the spread of false information that promotes fear, violence, and even mourning within communities. Therefore, the literature review showed that quality education of people, constant vigilance, filtering, and cross-checking the information received can contribute to the prevention of disinformation and minimize its negative impacts.

Keywords: Disinformation. Education. Paradigm shift. Mozambique. Digital technologies.

RESUMEN

La aparición y el desarrollo de las tecnologías digitales, especialmente la telefonía móvil e Internet, han revolucionado las redes de comunicación que influyen en los paradigmas sociales actuales. La escasa alfabetización de gran parte de la población, la pobreza, un contexto político caracterizado por la manipulación de las conciencias para dominar y sobrevivir y la consolidación de rumores entre las comunidades son las bases de la propagación de la desinformación en la sociedad mozambiqueña, que ha creado miedo, pánico, violencia e incluso muertes en las comunidades. Vivimos tiempos de información. Cada día nos inundan con información, a menudo disfrazada de verdad. El reto es cómo distinguir la información falsa de la verdadera. Así que, dado este complejo contexto en el que la desinformación se propaga a gran velocidad, se formuló la siguiente pregunta de investigación: ¿cuáles son las formas de minimizar el impacto violento de la desinformación en la sociedad mozambiqueña? En respuesta a la pregunta planteada y a los objetivos fijados, la metodología utilizada fue una revisión bibliográfica, privilegiando los trabajos más recientes, basada en un enfoque cualitativo

y exploratorio. Los resultados de la investigación indican que el analfabetismo, la pobreza, los mitos y los rumores crean un entorno favorable para la difusión de informaciones falsas que promueven el miedo, la violencia e incluso el duelo en el seno de las comunidades. Por lo tanto, la revisión de la literatura mostró que la educación de calidad de las personas, la vigilancia constante, el filtrado y la verificación cruzada de la información recibida pueden contribuir a la prevención de la desinformación y minimizar sus impactos negativos.

Palabras clave: Desinformación. Educación. Cambio de paradigma. Mozambique. Tecnologías digitales.

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade as informações falsas, difundidas em forma de boatos e mitos, não constituem alguma novidade dentro das comunidades e sociedades. Hoje o que muda, é a velocidade a que essas informações são disseminadas. As ferramentas e as estratégias usadas para a difusão da informação também evoluíram ao longo do tempo. O uso generalizado do telemóvel e das redes sociais acelerou a propagação de notícias falsas, hoje vulgarmente conhecidas como *fake news*. O uso das tecnologias móveis, como é o caso de telefone celular com acesso à internet possibilita a criação de redes de comunicação que vão alterando os paradigmas sociais. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm revolucionado a nossa maneira de ser, estar, pensar, agir e viver.

O presente estudo tem como objectivos compreender os desafios que a desinformação impõe a sociedade moçambicana e propor caminhos de prevenção para minimizar os seus impactos.

Podemos afirmar que a desinformação na sociedade moçambicana actua em três campos: político/ideológico, cultural e social. No âmbito político há sempre tendência dos grupos de interesse do governo

tentarem manipular a opinião pública através de fabricação de *fake news* para fazer passar a ideia de que tudo está bem no país e, aliado a esta matéria, as campanhas de silenciar os meios de comunicação social independentes ou até de comprá-los para evitar que o público tenha conhecimento da verdade.

De acordo com Silva (2022), os grupos do poder político, empresários, lobistas tem a capacidade financeira e política suficiente para fazer campanhas de pressão contra a considerada mídia rebelde, aquela preocupada na divulgação de informação credível. O objectivo principal desses grupos de pressão é manipular a opinião pública com a inversão da verdade para obter determinados benefícios.

Na sociedade moçambicana é visível esse jogo político de manipulação. Todavia, nota-se nos últimos anos um maior engajamento político de jovens moçambicanos na chamada democracia digital promovida pelo acesso à internet e às redes sociais. Esta participação vai desde a promoção de fóruns de debate público, até a organização e convocação de manifestações ou greves através de redes sociais. No entendimento de Tsandzana (2022), o surgimento das tecnologias digitais promove o ativismo dos jovens na participação política. Um exemplo são as marchas de homenagem à falecida rapper moçambicana “A zagaia”, em março de 2023, que gerou uma onda de violência entre os jovens.

Relativamente ao âmbito cultural, muitos boatos espalhados vêm de dezenas de anos e são transmitidos de geração em geração. Nesta perspectiva, uma mentira dita uma vez continua a ser mentira, mas dita por muitíssimas outras vezes torna-se verdade. Quando um boato é dito por um adulto, tem mais poder de ser considerado como verdade. Neste sentido, o boato ganha a forma de verdade e as pessoas passam a

difundir sem qualquer análise crítica ou verificação dos factos, o que incentiva a disseminação deste junto das comunidades.

O âmbito social tem a ver com as condições sociais em que as pessoas vivem. Todavia, mesmo com a melhoria da economia moçambicana verificada nos últimos anos, o país tem índices de desenvolvimento social e humanos baixos, com aproximadamente 70% da população a viver na miséria com abaixo de 2,00 USD por dia (Unesco, 2019).

De acordo com o relatório da Unesco (2019) é na zona centro e norte do país, com maior destaque para o litoral, onde a pobreza incide mais. Portanto, este factor, aliado com baixo nível de escolaridade e de literacia, potencializa que a população se deixe enganar com muita facilidade. O partido que governa o país desde a independência pode manipular as pessoas ao seu bel prazer e controlar a sua mente. Portanto, todos esses factores tornam a sociedade moçambicana um espaço propício para o fortalecimento da desinformação, que muitas vezes traz consequências destruidoras para as pessoas e para as próprias comunidades onde se inserem. A desinformação transforma-se, deste modo, em terrorismo de informação.

Diante deste contexto vivencial da sociedade moçambicana, se levanta a seguinte questão de pesquisa: **quais os caminhos para minimizar o impacto violento da desinformação dentro da sociedade moçambicana?**

Este estudo está organizado em introdução, quadro teórico que inclui os caminhos para a prevenção da desinformação, desenho metodológico, apresentação dos resultados e referências bibliográficas.

2 COMPREENDENDO O CONCEITO DA DESINFORMAÇÃO

De acordo com Almeida *et. al.* (2020), a desinformação é a criação e a difusão de informação falsa ou falsificada e até enganosa de forma deliberada com objectivos de criar confusão nas pessoas e afetar a percepção delas, apresentadas como notícias verdadeiras. Portanto, as notícias falsas visam desinformar as pessoas ou a sociedade sobre a realidade, com intenção de manipular a opinião pública sobre uma dada situação, provocação, ou *bullying*, influenciar decisões políticas.

Moura (2023) concebe a desinformação como um mal ou a doença do nosso século. Nesta visão, podemos entender a desinformação como uma pandemia a que a todos nós nos ataca e, por isso, devemos procurar e desenhar estratégias para nos prevenir desta grave doença.

Podemos fazer a analogia de desinformação com a pandemia covid-19. No entender de Ngoenha (2022), a pandemia foi um inimigo desconhecido que ameaçou todo o ser humano. Segundo este autor, o vírus matou mais nos países onde os governos menosprezaram o perigo deste. A pandemia da desinformação ou notícias falsas também assim age. Todos nós podemos ser vítimas deste mal que faz mais vítimas nas sociedades onde é ignorado o seu impacto e onde não se refletem estratégias adequadas para o seu combate.

Ngoenha (2022) lembra que muitos pensaram que a covid-19 trouxe igualdade, enquanto não: “A realidade mostrou que estamos todos no mesmo mar, mas uns viajando em iates e outros a nadar ou mesmo a naufragar” (Ngoenha, 2022, p. 18). Isso lembra-nos a mais recente tragédia, ocorrido no dia 7 de abril de 2024, o naufrágio de uma embarcação que matou 98 pessoas, majoritariamente crianças e mulheres, em Lunga, distrito de Mossuril no norte de Moçambique, em fuga devido à desinformação da existência de uma doença que rapidamente mata, a cólera.

Em analogia a esta visão de Ngoenha (2022), podemos entender que os que viajam em iates são os alfabetizados, instruídos ou letrados ou pessoas com pouca escolaridade desenvolvem habilidades de mente crítica e são capazes de filtrar as notícias que recebem: entre verdadeiras e falsas, procurando ser mais cautelosos nas informações. Os que estão a nadar, as pessoas que sendo letrados continuam ignorantes e com muitas notícias falsas à sua volta podem se afogar e se deixar enganar. Aqui também estão analfabetos, os iletrados, pessoas sem instrução escolar que aceitam com facilidade toda a informação que recebem sem submeter ao filtro de verificação e validação, as pessoas com menos instrução escolar que podem ser vulneráveis à desinformação. Todavia, em muitas situações são pessoas letradas, que fabricam e compartilham notícias falsas nas redes sociais.

Lima e Souza (2025) entendem que a desinformação apesar de não ser um fenómeno novo, se expandiu bastante a partir de 2006 com a vulgarização do uso das redes sociais. A informação passou a ser partilhada de forma rápida e em quantidades enormes em qualquer geografia do mundo.

Portanto, de acordo com Lima e Souza (2025), neste contexto de infodemia, isto é, de fluxo excessivo de informação sobre um determinado assunto, torna-se difícil distinguir entre informações verdadeiras e as enganosas. Este ambiente promove a difusão de informações falsas.

Pode-se ter como exemplo os protestos violentos pós-eleitorais de 2024 em Moçambique em que um determinado candidato convocava as manifestações por meio de lives e tiveram uma abrangência considerável, não só nos principais centros urbanos, mas também em zonas recônditas ou em mais de metade dos distritos do país, como observa Feijó e Chiúre (2025). Neste período conturbado, circulou muita informação nas redes

sociais, nos meios de comunicação social tendenciosa e enganosa, mas que era disseminada como confiável e gerou nas pessoas medo, insegurança e até desconfiança nas fontes oficiais.

2.1 O problema dos boatos na sociedade moçambicana

No entender de Livingston (2011), os boatos e a desinformação em África ganham mais espaço devido à falta de informação que permite as pessoas fazerem um cruzamento entre as informações. Pode parecer um paradoxo porque sabe-se que, no século XXI, a informação ficou massificada com o desenvolvimento das ferramentas digitais e, sobretudo, o uso do telemóvel como ferramenta de partilha de informação. Contudo, há muita gente que não possui um *smartphone* neste contexto. Estas pessoas estão excluídas e marginalizadas da era digital.

Algumas informações falsas espalhadas durante vários anos e transmitidas de geração em geração na sociedade moçambicana se tornaram em crenças. O mais grave ainda é que há gente letrada que acredita e incentiva estas informações falsas dentro das comunidades. Portanto, estamos perante ignorância pós literacia. Todavia, uma mentira pode se transformar em verdade quando repetida por muitas outras vezes (Harari, 2019).

Muitas zonas rurais de Moçambique não têm energia e os serviços básicos são escassos. As pessoas vivem isoladas e com informação limitada, não tem acesso a TV ou a serviços de rádio.

Neste contexto, os boatos e a desinformação se propagam com muita facilidade e as pessoas transformam estes rumores, sem qualquer fundamento lógico, em verdades e passam a acreditar. Os boatos em África, em particular em Moçambique, não só promovem a instabilidade e

a violência, mas também afectam a convivência pacífica entre as pessoas e comunidades.

2.2 Os boatos mais comuns na sociedade moçambicana

Há boatos ou desinformação que na sociedade moçambicana são comuns e são espalhados com mais frequência nas comunidades. Seguidamente daremos alguns exemplos desses boatos:

2.2.1 Os fabricantes de doenças (sobretudo da cólera)

Este é um dos boatos intrigantes e que, anualmente, desponta dentro das comunidades, não só nas zonas rurais, bem como nas cidades. Esta desinformação consiste na forte crença um pouco vulgarizada entre as pessoas de que a cólera é criada pelas autoridades para matar pessoas no sentido de reduzir o número da população ou é uma encomenda de fora em que as próprias autoridades locais, provinciais ou nacionais vendem a sua população em troca de dinheiro. Portanto, trata-se de uma espécie de teoria de conspiração.

As pessoas acreditam que os secretários dos bairros, líderes comunitários ou técnicos de saúde são comprados por alguma autoridade superior para nas noites colocar um produto tóxico, o cloro usado como purificador da água nos poços ou fontes de água nas comunidades e provocar a cólera. Nesta visão, o cloro de purificação de água passa a ser visto pela população como veneno.

No entender do sociólogo Serra (2003), a crença de que a cólera é introduzida pelas autoridades governamentais para matar a população pobre existe desde 1998, principalmente na zona norte de Moçambique,

em particular nos distritos costeiros de Nampula. Nesta perspectiva, criou-se e consolidou-se um conflito entre o Estado e as populações que, devido as suas privações (falta de literacia, falta de serviços básicos para viver), desconfiam das autoridades.

Até hoje, são reportados pelas televisões, rádios, em algumas províncias, confrontos entre a população e as autoridades. A violência consiste na queima de propriedades privadas e públicas, linchamentos de técnicos de saúde, líderes comunitários entre outros suspeitos acusados de lançar cloro nos poços.

Como podemos ver, esta desinformação causa danos enormes anualmente. De acordo Serra (2003), no início do mito da criação da cólera havia acusações, o governo do dia acusava a oposição, neste caso a Renamo, de ser o promotor de campanhas de desinformação junto das comunidades para tirar vantagens políticas, teoria essa que careceu de evidências, segundo este autor.

Na actualidade esta desinformação ainda continua activa, não só na província de Nampula, mas um pouco por todo país, com maior enfoque nas zonas norte e centro.

A tragédia do posto administrativo de Lunga, no distrito de Mossuril, província de Nampula, em Moçambique é um exemplo deste grave problema de desinformação. O seu impacto foi a morte de 98 pessoas, dos quais 59 crianças. Segundo testemunhas sobreviventes do acidente trágico, a população fugia em debandada da sua comunidade de origem devido ao suposto boato de existência da cólera.

De acordo com uma sobrevivente do acidente, as pessoas tiveram medo de que a doença lhes atingisse porque por perto não tem um posto de saúde, a unidade mais próxima daquela localidade dista a 12 km. Portanto, as pessoas fugiam de um mal imaginário, ou seja, inexistente

na realidade e foram encontrar a morte real no mar. Aqui, pode-se dizer que se está perante a pobreza mental, de falta de análise da informação recebida; e a pobreza material, de falta de serviços básicos naquele local, falta de energia, falta de cuidados de saúde, falta de transporte condigno, falta de vias de acesso e falta de água. Nesta visão, é nas muitas faltas que a desinformação encontrou terreno fértil e se acomodou.

Acreditamos que se essas pessoas fossem alfabetizadas, não arriscariam as suas vidas e não entrariam numa embarcação de pesca com lotação máxima de 13 pessoas. Infelizmente, parece que aqui venceu o senso comum. Esta tragédia deve despertar toda a sociedade moçambicana sobre os riscos reais da desinformação. Encontrar caminhos e estratégias de reduzir muitos Lungas espalhados um pouco por todo o país. Tomar consciência de que os impactos dos boatos são desastrosos.

Neste sentido, o governo não deve somente se limitar a lamentar a morte de 98 cidadãos e o desaparecimento de mais 18 pessoas, ou decretar luto nacional de três dias, ou prender os boateiros da fabricação da cólera. Deve melhorar a comunicação e os serviços que o Estado oferece às pessoas.

2.2.2 O boato “chupa-sangue”

A existência de pessoas, à semelhança dos fabricantes da cólera, que durante as noites circulam nas povoações casa em casa com botijas e seringas e que lançam essas seringas para onde as pessoas dormem, com o objectivo de chupar o sangue deles, é outro boato comum. Portanto, as pessoas acreditam que existem chupa-sangues, que são

peessoas compradas pelas autoridades e vão colectando sangue na calada das noites para fins de lavagem de dinheiro.

Esta desinformação cria pânico nas pessoas que, quando o boato se espalha numa determinada zona, podem passar várias noites de vigília para evitar esses parasitas.

2.2.3 O boato sobre os albinos (pessoas com pigmentação da pele)

Pina-Cabral (2004) descreve esse boato ou crença que se havia generalizado na sociedade moçambicana de que os albinos não morrem e somente desaparecem. Uma senhora confirmou que, de facto, o povo diz que os albinos não morrem e que nunca se é convidado a ir ao funeral de nenhum.

Como podemos ver, esta é uma desinformação. Construiu-se um mito à volta das pessoas albinas. O nascer de um albino numa família era tido como tabu ou até mesmo uma maldição. As pessoas corajosas omitiam e a criança crescia às escondidas. Já outras famílias, sem coragem, preferiam matar a criança para não deixar vestígios. Neste sentido, tornava-se difícil cruzar ou ver albinos a circularem livremente, por isso foi fabricado este boato de que os albinos não morrem. Se fosse à escola, a criança albina era vítima de um terrível *bullying*.

Todavia, com a massificação da comunicação, a televisão e as rádios comunitárias, as famílias com albinos foram se abrindo e pode-se observar que esta narrativa dos albinos serem imortais foi-se desconstruindo na sociedade moçambicana.

O mito sobre as pessoas com pigmentação da pele, vulgarmente conhecidas como albinas, não se limitou somente na sua imortalidade. Nos últimos anos, surgiu um novo fenómeno na sociedade moçambicana

sobre este grupo de pessoas: a caça desenfreada de albinos que consiste no rapto, assassinatos, extracção dos seus órgãos e ossada, alegadamente porque estes possuem dentro de si uma espécie de diamante, fonte de riqueza.

Portanto, este é mais um boato ou uma desinformação sobre este grupo de pessoas. Infelizmente na nossa sociedade nascer um albino é estar condenado a todo tipo de boatos possíveis. Até há casos em que a própria família corta o cabelo do albino supostamente para vender. É um mito espalhado um pouco por países da África Austral.

Em parte, é alimentada por fins de magia para ganhar dinheiro. Por detrás destes crimes está escondido um charlatão que se faz passar por curandeiro. O verdadeiro curandeiro é aquele que cura certas doenças. Na nossa sociedade encontramos panfletos espalhados com dizeres: “*O master que vem do Niassa, ou Cabo Delgado, etc, que cura tudo, resolve todos os problemas da tua vida. Contacto [...]*”. As autoridades nunca interpelam essa gente para desencorajar a divulgação de tais mensagens que desinformam a população. Estes boateiros circulam e espalham as suas mentiras à vontade.

Mesmo em campanhas que incentivam o uso do preservativo, como um dos meios de prevenção contra HIV/SIDA, ainda encontramos pessoas com crenças de que este tem doenças, ou simplesmente, impede o prazer (Lannes; Gonzaga, 2018). Esta ideia fica generalizada entre os jovens que praticam sexo desprotegido e, em seguida, ficam infectados com doenças de transmissão sexual.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder aos objectivos definidos e à questão de pesquisa formulada, o presente trabalho focou-se na abordagem qualitativa assente na revisão de literatura existente sobre o assunto em estudo, dando mais destaque aos autores mais recentes.

Nesta pesquisa, utilizou-se como base de dados o *Google Scholar*, *Scopus*, *Web of Science*, *Scielo*, para além de outras fontes complementares consideradas relevantes publicadas entre 2003 e 2025, com mais destaque e prioridade aos textos mais recentes: 2021-2025 para a construção da base teórica do estudo.

A construção do conhecimento científico envolve a cooperação entre os indivíduos. Isto quer dizer as pessoas cooperam para produzir e acumular o conhecimento científico através da pesquisa (Ermel; Lacerda; Morandi; Gauss, 2022).

Neste sentido, Mattar e Ramos (2021) entendem que a revisão de literatura visa a elaboração de uma síntese através da revisão de pesquisas já existentes sobre o assunto com o intuito de produzir novos conhecimentos procurando estabelecer conexões dos assuntos.

As pesquisas qualitativas visam compreender, de forma detalhada, os fenómenos sociais de um determinado contexto e cultura. Para uma melhor compreensão é necessário investigar esses fenómenos, analisá-los e interpretá-los conforme os objectivos definidos para o estudo (Mattar; Ramos, 2021).

Os dados foram recolhidos por meio de levantamento bibliográfico priorizando a selecção de fontes de estudos com maior relevância e recentes sobre a desinformação na sociedade moçambicana. A recolha de dados começou com a leitura inicial dos textos de Serra (2003) e, em seguida, houve a necessidade de aprofundamento do estudo com as

obras de Ngoenha (2022), Oliveira (2020), Silva (2022), Souza (2024) e Lima e Souza (2025).

Depois da colecta dos dados fez-se o cruzamento das ideias principais dos autores de modo a compreender melhor a manifestação da desinformação na sociedade moçambicana e a encontrar os caminhos para a sua prevenção. Os resultados são analisados tendo como base as observações e a interpretação da pertinência e relevância da informação recolhida a que melhor responde à questão de pesquisa formulada para o estudo.

Apesar da desinformação não ser um campo novo nas sociedades como observa Lima e Souza (2025), existe pouca literatura sobre ela em Moçambique. Todavia, encontramos alguns artigos que fazem menção de desinformação. Serra (2003) sublinha o efeito da desinformação sobre a cólera na zona norte de Moçambique. A crença de que a cólera é introduzida pelas autoridades governamentais por meio do cloro para matar a população. Segundo este autor esta “crença não é irracional nem os seus produtores são analfabetos” e observa que a crença é produto de alguma crise.

O artigo de Tsandzana (2020) constata que as redes sociais tais como o *Facebook* e *WhatsApp* podem ser ferramentas que facilitam a comunicação entre os políticos e eleitores mas também podem ser meios para disseminação de desinformação política.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO ATUAL

A revisão de literatura mostrou que a fabricação e a disseminação da desinformação é uma realidade na sociedade moçambicana e tem criado um impacto negativo junto das comunidades.

Todavia, hoje a desinformação é um problema que afecta todos os povos e culturas, é um problema que não conhece fronteiras. Portanto, trata-se de um problema global. Aqui Harari (2019) observa que, para problemas globais, devem ser encontradas soluções também globais.

A crença nos mitos e boatos têm sido fonte de desinformação principalmente nas zonas rurais devido à fraca instrução escolar da população. Por exemplo, a crença de que as autoridades são responsáveis na criação de cólera tem gerado violência no Norte de Moçambique, principalmente na zona costeira (Serra, 2003).

Ficou claro que hoje, devido a infodemia ou seja, excesso de informação que é disseminada, tornamo-nos propensos a informações falsas. Portanto, a desinformação é uma espécie de terrorismo que cria medo nas pessoas e traz consequências trágicas dentro das comunidades, como a recente tragédia de Lunga, no norte de Moçambique que vitimou 98 pessoas e 13 pessoas desaparecida num naufrágio quando fugiam do boato da existência de cólera na região ou desinformação sobre alguma campanha de vacinação de crianças nas comunidades ou escolas.

Lima e Souza (2025) observam que a desinformação pode levar as pessoas a fazerem escolhas prejudiciais como aderir a tratamentos não comprovados ou recusar cuidados médicos baseados em evidências.

A síntese da revisão da literatura mostrou que uma educação de qualidade pode minimizar os impactos desastrosos da desinformação na medida em que as pessoas são munidas de conhecimentos e podem ser mais vigilantes e filtrar a informação que recebem de forma crítica. Mesmo

para fazer a verificação da informação que Oliveira (2020) propõe, é necessário ser letrado. Portanto, a educação deve ser o fundamento de todas as estratégias de filtragem da informação. Neste sentido, é possível fazer o cruzamento da informação através da colaboração que Harari (2019) nos propõe.

4.1 Caminhos para o combate à desinformação

Num contexto de infodemia, onde as pessoas estão habilitadas de criar, comprar, receber, partilhar e utilizar informação livremente, conforme os seus objectivos, todos ficamos vulneráveis à desinformação. Neste sentido, torna-se imperativo encontrar caminhos para mitigar os riscos da informação enganosa.

Souza (2024) e Lima, Souza (2025) propõem alguns caminhos para o combate à desinformação. Lima e Souza (2025) destacam o letramento mediático e científico das pessoas; a protecção das informações científicas para evitar a sua manipulação; engajamento de todos na verificação da fiabilidade da informação para além de regulamentação e a devida responsabilização das grandes empresas de tecnologia. Aqui podemos acrescentar o letramento tecnológico emancipadora, para permitir as pessoas distinguir informação confiável e informação falsa.

Souza (2024) aponta heredograma informacional como um caminho para combater a desinformação. Este autor entende que este método de codificação, análise e cruzamento de documentos da mesma família permite o controlo de ascendência e descendência dos documentos, o que contribuirá para detectar a origem e autoria, de forma rápida, dos documentos e a respectiva classificação da informação validada pelos ficheiros ancestrais.

Almeida *et al.* (2020), observa que as consequências da desinformação são graves. Ela espalha medo no seio de pessoas e faz com que as pessoas vítimas dela tomem atitudes precipitadas, que podem criar violência e até mortes.

O maior desafio hoje de toda a sociedade é desconstruir estas crenças boateiras construídas ao longo de décadas e enraizadas na mente das pessoas, substituí-las com novas crenças verdadeiras que promovam harmonia social junto das comunidades.

Já Oliveira (2020) entende que a primeira e a mais aclamada ferramenta para fazer face à desinformação é a checagem dos factos, que pode ser de duas formas: através da acção humana ou por via do uso de inteligência artificial para identificar se a informação é verdadeira ou falsa.

Em contexto onde os boatos se enraizaram e tornaram-se estruturais em formas de mitos, estamos cientes de que o trabalho para desconstruir as narrativas de desinformação estrutural dentro da sociedade moçambicana é árduo e exige conjugação de sinergia de todos.

A vacina para a imunização contra a desinformação é o domínio do conhecimento. Este deve ser o primeiro caminho: alfabetização das pessoas. Em Moçambique parece não se ter consciência ainda de que a desinformação é um inimigo perigoso.

O papel da educação é importante para lidar com a desinformação. O que se precisa no contexto actual é que as pessoas desenvolvam a capacidade de discernir a informação. Isto é, saber distinguir a informação relevante da irrelevante para construir uma visão geral do mundo (Harari, 2019).

Nesta perspectiva, de acordo com Harari (2019), as escolas hoje devem passar a ensinar aos alunos determinadas competências, tais

como: pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. Estas competências permitem às pessoas desenvolverem aptidões polivalentes para enfrentar os desafios do contexto actual cada vez mais complexo.

Pode-se munir a juventude com ferramentas defensivas e de contrainformação através de uma educação criteriosa e sensata e que se preocupa mais com a “cabeça bem feita” e não com “a cabeça bem cheia” de conteúdos (Mazula, 2013). Trata-se de uma educação performativa que desenvolve dúvida metódica socrática nos alunos para enfrentar o mundo das *fake news*.

É preciso dinamizar as aulas de alfabetização dentro das comunidades e incentivar as pessoas adultas, que não tiveram acesso à educação formal, a participarem nessas aulas. Aqui passa também pelo melhoramento das condições remunerativas dos alfabetizadores.

Harari (2019) observa que, atualmente, existe demasiada informação a circular. O problema não é informação ou falta dela, o grande desafio na actualidade é como lidar com esta informação que nos inunda com quantidades enormes de desinformação. Neste sentido, estamos todos os dias a receber informação irrelevante que nos distrai. Portanto, o segundo passo é saber lidar com tanta informação que recebemos diariamente, isto é, colocar a informação que recebemos na filtragem da nossa consciência.

O terceiro caminho é criar redes de contrainformação. Aqui os líderes comunitários assessorados pelos técnicos do governo distrital podem seleccionar pessoas dentro das comunidades, treiná-los com ferramentas de como lidar com a desinformação e torná-los ativistas dentro das suas comunidades. Estes funcionariam como satélites-pessoas, isto é, em caso de surgimento de alguma informação coletiva

duvidosa, seriam estes agentes os responsáveis por confirmar a veracidade da informação junto das autoridades. Portanto, seriam um elo de ligação entre a população e as autoridades locais.

O outro instrumento seria massificar as rádios comunitárias que disseminem informações úteis para as comunidades, principalmente nas zonas onde não há corrente elétrica, consequentemente, não têm acesso à televisão. Assim também se devia dar importância a uma rádio comunitária que abranja todas as localidades do distrito.

Os jornalistas ou colaboradores dessas rádios devem ser treinados em matéria de manipulações tecnológicas, sobretudo nas redes sociais para, em seguida, criar programas de rádio para consciencialização sobre essas manipulações e o cuidado que as pessoas devem ter com o senso comum e certas crenças construídas ao longo do tempo.

Hoje na sociedade moçambicana, com maior enfoque nas zonas rurais onde não há bancos, as pessoas usam formas de pagamento de Mpsa, um instrumento da telefonia móvel vodacom Moçambique e e-mola, da Movitel. Estas ferramentas permitem depositar, levantar e enviar dinheiro através do telemóvel mesmo estando *offline*, e também fazer pagamentos de serviços. Algumas pessoas recorrem a essas ferramentas para manipular outras pessoas com o objectivo de enganar as mesmas.

Neste sentido, é necessário que as rádios comunitárias instruem as pessoas a saber lidar ou precaver-se desses crimes que, por vezes, ligam para as suas vítimas se fazendo passar por técnicos das companhias de telefonia móvel já mencionadas, ou simplesmente enviam mensagens. É preciso estar muito atento a todas as formas de desinformação e manipulação de consciências.

Todos nós devemos acordar e tomar consciência de que os boatos são uma realidade. As soluções devem ser globais tendo em

consideração a abrangência do problema. Portanto, problemas globais, soluções globais, como observa Harari (2019).

5 CONCLUSÃO

A desinformação é um fenômeno global que não conhece fronteiras. Hoje, nenhuma sociedade está suficientemente preparada para combater este mal. A diferença está nas estratégias que cada sociedade adota para lidar com este flagelo e enfrentá-lo. Uma sociedade pode ser menos propensa devido ao nível de escolaridade que a sua população tem.

Os boatos e as crenças produzidas pelo senso comum tendem a espalhar-se com alta velocidade na sociedade moçambicana devido à não escolarização de parte da população e fraca atenção às informações manipuladoras criadas, recebidas e partilhadas por parte dos letrados.

Todos os dias somos inundados de informações falsas que se espalham com a aparência de serem verdadeiras, quer oralmente quer através de SMS ou das redes sociais. No meio de tanta informação que recebemos, por vezes é desafiante distinguir a informação verdadeira da falsa. Por isso, todos devemos estar atentos e vigilantes. Recorrer sempre ao filtro de Sócrates: duvidar, procurar, verificar, validar para depois acreditar.

A desinformação tem gerado onda de medo, violência, ódio e até mortes na sociedade moçambicana. É um problema que as autoridades devem levar a sério e desenhar um plano de acção de longo prazo para minimizar.

Cada pessoa deve ser activista da prevenção da desinformação, ciente de que juntos somos mais fortes. A educação deve ser a chave para detectar informações falsas e esta deve começar nas famílias e

prosseguir dentro das comunidades, na escola, na universidade, no trabalho, nas igrejas, mesquitas e em qualquer espaço onde existirem pessoas.

REFERÊNCIAS

Almeida, E., Candido, Rosal Santos, I. M., J. P., Duarte, M., Resende, O., Cavalcante, P., & Costa, T. F. (2020). **Isso é fake news? Um Guia Rápido sobre Desinformação na Internet**. Lapin, Brasil. <https://lapin.org.br/o-que-sao-fake-news/>

ERMEL, A. P. C.; LACERDA, D. P.; MORANDI, M. I. W. M.; GAUSS, L. **Revisões de Literatura: um método para a geração do conhecimento científico e tecnológico**. Folio Digital: Rio de Janeiro, 2022.

FEIJÓ, J.; CHIÚRE, R. Afinal “foi só Maputo”? – A geografia do protesto pós-eleitoral. **Observatório do Meio Rural: destaque rural**, Maputo, n. 324, p. 1-14, 2025. Disponível em: https://omrmz.org/destaque_rural/dr-324-afinal-foi-so-maputo-a-geografia-do-protesto-pos-eleitoral/. Acesso em: 16 maio 2024.

HARARI, Y. N. **21 Lições para o Século XXI**. 5. ed. Lisboa: Porto Editora, 2019.

LANNES, D. R. C.; GONZAGA, L. L. Rejeição do uso de camisinha por adolescentes: uma perspectiva a partir da zona muda das representações sociais. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 472-487, 2018. [DOI:10.5335/rep.v25i2.8174](https://doi.org/10.5335/rep.v25i2.8174).

LIMA, F. L. T. de; SOUZA, T. de A. Prevenção e controle do câncer em tempos de capitalismo de vigilância: caminhos para o combate à desinformação. **Revista Brasileira de Cancerologia**, [S. l.], v. 71, n. 1, p. e-014829, 2025. [DOI:10.32635/2176-9745.RBC.2025v71n1.4829](https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2025v71n1.4829).

LIVINGSTON, S. **A evolução dos sistemas de informação em África:** um caminho para a segurança e a estabilidade. Washington, D.C: Centro de Estudos Estratégicos de África, 2011.

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. **Metodologia de pesquisa em educação:** abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. Coimbra: Edições 70, 2021.

MAZULA, B. **A utopia de pensar a educação.** Maputo: Alcance editores, 2013.

MOURA, D. O. A infodemia veio para ficar. O que faremos? In: JORGE, T. de M. (org.). **Desinformação o mal do século:** distorções, inverdades, fake news: a democracia ameaçada. Brasília: Unb, 2023. p. 12-15. Disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/campanha/anexo/combate/ebook_desinformacao_o_mal_do_seculo.pdf. Acesso em: 16 maio 2024.

NGOENHA, S. E. **Crônicas dos tempos pandêmicos.** Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2022.

OLIVEIRA, T. M. de. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. e5374, 2020. DOI:10.18617/liinc.v16i2.5374.

Organização das nações unidas para a educação, a ciência e a cultura – UNESCO. **Revisão de Políticas Educacionais: Moçambique – Educação 2030.** Paris: UNESCO, 2019.

PINA-CABRAL, J. Os albinos não morrem: crença e etnicidade no Moçambique pós-colonial. In: GIL, F.; LIVET, P.; PINA-CABRAL, J. (orgs.). **O processo da crença.** Lisboa: Gradiva, 2004. p. 238-267.

SERRA, C. **Cólera e Catarse.** Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2003.

SILVA, F. C. C. A Sociedade da desinformação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 143-161, 2022. [DOI: 10.21728/logcion.2022v9n1.p143-161](https://doi.org/10.21728/logcion.2022v9n1.p143-161).

SOUZA, O. de. Heredograma Informacional: um caminho para combate à desinformação. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, v. 18, p. e024010, 2024. [DOI:10.36311/1981-1640.2024.v18.e024010](https://doi.org/10.36311/1981-1640.2024.v18.e024010).

TSANDZANA, D. Estratégias de comunicação política em Moçambique. **Mediapolis - Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, [S.l.], n. 11, p. 71-86, 2020. [DOI:10.14195/2183-6019_11_5](https://doi.org/10.14195/2183-6019_11_5).

TSANDZANA, D. Jovens Urbanos e internet em Moçambique: despolitizados ou portadores de “novas” formas de participação política? **Revista Comunicação & Sociedade**, Moçambique, n. 11-12, p. 58-83, 2022. Disponível em: <https://www.cec.org.mz/wp-content/uploads/2023/08/Revista-CS-2021-D%C3%A9rcio-Tsandzane.pdf>. Acesso em: 16 maio 2024.